



Advogados não devem atuar cliente, mas para a soci

A velocidade da informação nos dias de hoje não encontra instante, em qualquer lugar e pelos mais variados meios. A quantidade imensa, quase infinita, de notícias, opiniões, orientações, enfim, uma torrente alucinante de dados.

Vivemos um tempo de pessoas capazes de falar sobre qualquer coisa. À crise política em Honduras, a crise da Ombudsman, a crise da Unesco, a crise da Unesco, passando pela reeleição do Lula, até a estrutura da escapa ao amplo conhecimento adquirido quase instantaneamente.

Amplitude não é, contudo, sinônimo de profundidade. Amplitude confundido com sabedoria.

O conhecimento sobre algo, sobre determinado fato ou assunto, ultrapassa os limites da curiosidade. Não seria correto, sequer, falar em empírica, porque não advém de experiências, conclusões empíricas de curiosidade. É cada vez mais comum nos vermos envolvidos em meio a um acalorado debate sobre um tema relevante em informática, Justiça, só para citar alguns, cuja origem é a revista semanal. É o combustível da controvérsia da alguma página de blog em um comentário em um telejornal nacional.

O homem comum parece não só acostumado a este ambiente, infelizmente, seus ideais amortecidos, estagnados, característicos de uma espécie de conformismo causado pelo muito ouvir, muita informação, quase nenhuma reflexão.

Não é necessária uma explanação filosófica para justificar o conhecimento e a especialização, cuja gênese é o estudo e em cujo exercício diuturno reside o caminho único, a busca da verdade.

Reside neste ponto o motivo deste artigo.

Como advogado militante há alguns anos, sou sócio de um escritório de acadêmicos de Direito e hoje também advogados atuando em áreas operários do Direito, por assim dizer, não noto, e me surpreende a percepção de muitos daqueles que hoje dão os primeiros passos na profissão de advogado.

Não é o advogado um homem comum. Ao menos, não deve ser. Não pode, nunca, se conformar em conhecer as coisas apenas superficialmente com uma pesquisa, sobre um tema jurídico. Não pode se conformar em ser apenas um curioso em sua profissão.



pouquíssimas situações, aliás. Ou não será um advogado. É condição de nossa profissão o estudo incessante, a evolução do Direito e, corolário lógico, da sociedade: sociedade equilibrada sem ser Justa. Jamais será justa nossa missão de colaboradores do Poder Judiciário, de interpretação das Leis, capazes de fazerem refletir se nos Tribunais se dá a interpretação das Leis, quando chegam nossos argumentos, imortalizados em processos. Esta, aliás, a força motriz de um verdadeiro Advogado: seu cliente, mas para a sociedade como um todo.

Nada disso se faz, porém, sem estudo, especialização: ser um intérprete da Lei, de ser o fio condutor da função, ser apenas um repetidor do que já é considerado justo ou questionador, para ser um releitor de acórdãos, a formação de sua própria convicção, que nunca chegará

É cada vez mais comum ouvirmos de jovens estudantes do STF entende assim e mais raro questionamentos saudáveis. Vivemos tempo de pragmatismo. De paixão e festejos por

Longe de se querer questionar a capacidade de nossos intérpretes, motivou este arrazoado a preocupação dos advogados capazes construir argumentos firmes, análises eventuais posições aparentemente definitivas do Poder porque não, permitir a evolução daquela interpretação para mais justa.

Sem o estudo constante, sem aprofundamento do conhecimento, um mundo de Súmulas. Talvez um mundo positivista, onde informado da existência de uma Lei, da interpretação

É importante, pois, para afastar esta hipótese terrível da Faculdade de Direito, da estirpe à qual decidiu pertencer a uma categoria de indivíduos cuja profissão é o Estado de Direito, combater o arbítrio e a injustiça.

[Título corrigido em 15 de janeiro de 2010, às 18h23.]

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2009-ago-31/advogados-nao-atuar-cliente>